

ENTRE O INDUSTRIAL E O ARTESANAL: A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Eliane Medeiros Borges¹
Diovana Paula de Jesus²
Danilo Oliveira Fonseca²

RESUMO

O artigo apresentado visa traçar uma compreensão acerca da produção de materiais didáticos para cursos de Educação a Distância. A partir da percepção de que o material didático é parte importante da maioria dos projetos da modalidade, procuramos tomar conhecimento da concepção de educação subjacente a essa produção. Este estudo também se justifica devido à necessidade de analisar e discutir esses modelos, que se inserem no panorama brasileiro com forma e cunho de uma política pública, uma vez que a modalidade se expande em grande escala no Brasil e será, nos próximos anos, um dos principais meios de formação de adultos, tanto na graduação, como nos cursos de especialização. Busca-se, também, investigar modelos que tendem a prevalecer nas práticas contemporâneas de Educação a Distância no país. A investigação, ainda em curso, pretende abordar duas possibilidades de construção de material didático para EaD: a primeira apreço a uma feitura industrial e segmentada, com ênfase na transmissão de conhecimento e informação; a segunda possibilidade, supondo uma realização mais artesanal e dinâmica, tem como base a autoria e autonomia do professor nos materiais apresentados.

Palavras-chave: Material Didático. Educação a Distância. Tecnicismo na EaD.

INTRODUÇÃO

O cenário da Educação a Distância (EaD) no país vem se consolidando há algum tempo como modalidade aceita e reconhecida de educação. Deixando de lado uma imagem de educação ligada à morosidade e a certa ineficiência, a EaD vem com uma nova roupagem, à medida em que se associa às Tecnologias de Interação e Comunicação (as TIC's) como instrumento e meio de ação, trazendo, desse modo, uma nova dinâmica à forma de se estudar e aprender a distância. Especificamente no Brasil, nos

1 Professora Orientadora - Faculdade de Educação, UFJF, e-mail: mborges.eliane@gmail.com

2 Bolsistas PROBIC/FAPEMIG

últimos tempos, tem-se recorrido bastante à EaD, contribuindo, em princípio, de forma decisiva, para a democratização do ensino superior no país.

Para compreender a influência de tais modelos econômicos e de gestão no campo da educação, e da EaD em particular, é preciso lembrar que o grande desenvolvimento econômico do período capitalista de pós-guerra se caracterizou pela crescente penetração dos novos modelos teóricos e das práticas da economia sobre os outros campos da vida social (BELLONI, 2009).

É nesse panorama que se insere a Educação a Distância. Por decisão de uma política pública, ela vem crescendo e se desenvolvendo no país, de maneira bastante rápida e intensa. Segundo o Ministério da Educação³, em 2011, a Educação a Distância deveria chegar a um total de um milhão de alunos conveniados ao ensino superior, dentro de um universo de cinco milhões de alunos vinculados ao ensino superior público brasileiro. Belloni (2009) também descreve esse movimento da EaD, mas de uma forma que ressalta o quanto a mesma está se inserindo no cotidiano do mundo acadêmico, sem ser pensada e refletida no mesmo grau.

O desenvolvimento da pesquisa trouxe, porém, algumas considerações fundamentais capazes de indicar o que seria realmente relevante no que diz respeito à construção de um modelo de ação de educação a distância. Os estudos teóricos nos mostrava o quão grande, interessante e carente de estudos estava o campo de educação a distância. Ao mesmo tempo, mostrava também as deficiências que o modo de fazer ensino a distância atual continha, assim como delimitava firmemente dois modelos bastante diferentes entre si na modalidade. Como afirma Belloni:

Pode-se dizer que desde os anos 80, duas manifestações teóricas predominantes se afrontam ou coexistem no campo da educação em geral e da EaD em particular: de um lado o estilo fordista de educação de massa e do outro uma proposta de educação mais aberta e flexível, supostamente mais adequada às novas exigências sociais. Essas duas tendências coexistiram confortavelmente, mas a partir da década de noventa (...) a lógica industrialista começou a perder terreno, sendo percebida como uma ameaça às “qualidades menos tecnocratas e mais humanistas” vislumbradas como possíveis a partir de teorias da pós-modernidade e de modelos pós-fordistas e de organização industrial. A maioria dos estudiosos concorda que os objetivos e as estratégias da educação a distancia estão sendo (ou devem ser) redefinidos em função de análises a críticas orientadas pelos paradigmas pós-modernos e desconstrucionistas. Essa redefinição se dá em direção à abertura e afasta-se do “behaviorismo de massa” (2009).

Portanto, passamos a olhar de forma mais atenta para essa diferença de modelos de EaD, que refletem distintos modos de lidar com as diferentes mídias, com as interações entre os sujeitos da aprendizagem, com a abordagem dos conteúdos. O que inicialmente suspeitávamos se confirmou ao longo de nossa pesquisa: que essa diferença de modelos se traduzia em diferente uso e construção do respectivo material didático. A partir do material produzido e utilizado nos cursos a distância, é possível identificar em qual modelo o curso é fundamentado, como ele se comporta nos pontos anteriormente

3 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 18 de novembro de 2011.

descritos. Desse modo, percebemos que estudar o material didático pode abranger muito mais do que o estudo de configurações específicas de conteúdos e formas.

Pensamos que o material didático é importante para se compreender a educação a distância, porque o mesmo se posiciona como peça-chave do modelo adotado. No material, se concentram a proposta do curso, sua base e orientação pedagógica, o papel dos tutores, dos alunos, enfim, todas essas características estão contidas na configuração do material e podem ser percebidas, se nos dedicarmos mais a esse ponto. É a partir dele e de seu manuseio que os professores delimitam suas ações – mais ou menos intensas e atuantes e, conseqüentemente, delimitam as respostas e interações que os alunos devem fazer com o contexto. Os recursos contidos nos materiais – ou a falta deles – expressam a contextualização dos mesmos com as mídias digitais. A forma com que o material é construído – levando-se em conta a redução, simplificação e o modo com que expõe o conteúdo – se reflete na forma com que tal material será absorvido e entendido.

No Brasil instalou-se a prática de fornecer ao aluno apenas uma ‘apostila’ ou resumo dos pontos principais da matéria, às vezes com apenas 50 páginas contendo ‘pedaços de conhecimento’ (extraído de diferentes livros) intercalados para constituir uma ‘nova’ publicação (frequentemente sem citação das fontes originais, nem o pagamento de direitos autorais para uso comercial). Essa redução do conteúdo apresentado ao aluno representa, evidentemente, uma diminuição de seu conhecimento e de seu preparo profissional (LITTO, 2009).

METODOLOGIA

A proposta do artigo aqui apresentado é, portanto, analisar uma oposição entre modos de construir um material didático e sistematizar um curso, usando como base de estudo a forma desses cursos e as possíveis implicações do formato, com sua didática e metodologia. Para que essa proposta se efetivasse, o estudo se concentrou em dois cursos específicos de EaD da UFJF, pertencentes ao modelo da Universidade Aberta do Brasil (UAB), que chamaremos de A e B, com o intuito de comparar os dois sistemas de curso em pleno funcionamento, formando turmas e se desenvolvendo pedagogicamente.

A escolha dos cursos acima apontados foi baseada na possibilidade do estudo da seleção e produção de material didático impresso (apostila, livros ou textos selecionados) em cursos de EaD com diretrizes e projetos pedagógicos diferenciados: um material com ênfase em uma produção planejada e prévia (curso A) e outro ancorado na construção e desenvolvimento ao longo do curso (curso B).

Uma das necessidades subjacentes ao estudo apresentado estava na utilização de um mecanismo capaz de obter avaliação dos principais sujeitos dos cursos em questão (professores e alunos), sobre os conteúdos, formas e usos dos materiais. Para isso, foi proposto o desenvolvimento de dois instrumentos de coleta de dados: a aplicação de questionários e entrevistas. A proposta dos questionários era a de serem aplicados aos professores dos cursos – responsáveis por desenvolverem e selecionarem o material utilizado – para se obter um panorama geral do entendimento desses sujeitos. Já a entrevista teria o intuito de ser aplicada somente a alguns professores, objetivando um entendimento mais específico e, ao mesmo tempo, mais profundo da compreensão desse processo produtivo.

A partir de nossa compreensão de que são os sujeitos que produzem os cursos que melhor poderiam nos explicar sobre eles, fomos buscar em professores dos cursos as principais informações sobre o efetivo uso do material didático nos cursos de EaD. Com essa finalidade, realizamos um pequeno

número de questionários com os professores de ambos os cursos, e entrevistas com os professores do curso que dispunha de material didático pré-produzido, ou seja, o curso A.

QUESTIONÁRIOS E PRIMEIROS DADOS

O questionário foi o primeiro recurso metodológico produzido, aplicado aos professores que tiveram experiência em ministrar ensino a distância dos dois cursos analisados. Para a formulação das questões propostas, as especificidades de cada curso foram levadas em conta e, por isso, não foi aplicado o mesmo questionário aos dois cursos. Para o curso que não apresentava uso de material didático impresso pré-elaborado, foram suprimidas as questões que diziam respeito à satisfação dos professores com o material didático recebido e às características de tal material.

ENTREVISTAS

O outro recurso utilizado foi o de entrevistas com professores do curso A, a fim de traçar um quadro mais descritivo do movimento e dinâmica do curso, assim como das bases que o regem. Esses sujeitos foram selecionados de forma que apresentassem um perfil diferenciado e que, juntos, pudessem formar um panorama mais completo de como diferentes perfis de professores se comportam em tal curso.

A AVALIAÇÃO DO CURSO COMO FONTE DE DADOS

Utilizaram-se, para comparação com os resultados obtidos dos instrumentos anteriores, os questionários realizados pela mesma equipe desta pesquisa, de avaliação do curso B, junto aos alunos do curso, a cada semestre. O questionário utilizado, de 75 questões, incluiu perguntas sobre a percepção que os alunos têm do material didático e das interações com professores e tutores. A partir dos estudos da pesquisa aqui relatada, um novo olhar foi dirigido às questões propostas, de maneira a comparar seus resultados com as reflexões teóricas e novos dados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De início, foi traçado um panorama geral do uso dos materiais, produzidos e apresentados nos respectivos cursos. O curso A tem seu material impresso em livros-texto, com indicações de leitura e exercícios. Tal material é produzido de maneira centralizada pela UAB, sendo, portanto, idêntico em todos os cursos no país, independentemente de diferenças locais.

Já o curso de B tem claramente outras perspectivas, no que se refere à construção de um material de apoio para os estudantes. Não possui material com um formato pré-definido, que vai passando de ano para ano, de disciplina para disciplina, assim como não possui nem distribui material impresso a seus alunos. De modo específico, o curso tem seu material baseado no uso das mídias tecnológicas e de textos que podem ser disponibilizados via *sites* da internet, *downloads* ou pela própria plataforma do curso. A proposta desse modelo está em uma interação mais intensa no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), interação entre os próprios alunos, assim como entre os tutores e alunos. Assim, o conhecimento seria produzido conjuntamente, mediado pelos tutores – e intermediado pelo material produzido pelo professor, de modo individual, para cada disciplina e necessidade da turma.

No que se refere à análise desses materiais didáticos, é possível fazer uma consideração quanto ao modo com que os mesmos são disponibilizados ao aluno. O primeiro, de forma impressa, chega às mãos do aluno e possibilita segurança, no que diz respeito a ter auxílio sempre perto *fisicamente*, que ofereça uma resposta quando o aluno não tiver para quem apelar, em caso de dúvida. O curso disponibiliza esse material de forma apostilada, de modo que possibilite seu uso contínuo e frequente na disciplina, em diferentes semestres.

Já o curso de Pedagogia propõe algo que se aproxima mais da concepção de material de estudo do ensino tradicional presencial, como ele acontece hoje nas universidades. Concentra-se mais em materiais como livros, capítulos de livros, artigos que são disponibilizados na internet e em discussão nas plataformas de estudos. Tudo isso com o intuito de aproximar a dinâmica e a didática da EaD ao ensino regular e afastar a Educação a distância de possíveis práticas de uma educação simplista.

O questionário acima mencionado como recurso metodológico possibilitou a retirada de alguns dados quantitativos, no que se refere a uso do material didático pelos docentes de EaD, especificamente no que diz respeito ao material didático impresso utilizado pelos cursos. No curso de administração, quando perguntado aos professores acerca do material nos quesitos de pertinência do conteúdo, quantidade de atividades propostas e o uso de materiais complementares, as respostas foram as seguintes:

Tabela 1 - Sobre o conteúdo do material didático utilizado:

	Frequência	Percentual
Muito pertinente	2	25%
Pertinente	3	37,5%
Pouco pertinente	3	37,5%
Total	8	100%

Tabela 2 - Se o professor utiliza o material impresso

	Frequência	Percentual
Integralmente	3	37,5%
Em parte	5	62,5%
Total	8	100%

Tabela 3 - Se o professor utiliza material complementar

	Frequência	Percentual
Muita frequência	7	87,5
Pouca frequência	1	12,5
Nenhum uso	-	-
Total	8	100%

Não houve concordância absoluta no que diz respeito à pertinência do conteúdo do material didático com a matéria lecionada, questão que remete a um ponto também pautado nos debates do grupo de pesquisa: a relação entre o professor e um material didático, material esse que não é de autoria desse professor, mas que foi designado para atuar na disciplina. O docente se vê utilizando um

material que nem sempre se adequa ao conteúdo que ele entende como relevante ou necessário e acaba inserindo materiais complementares.

A questão que dizia respeito às atividades propostas também é interessante, porque mostra uma maior unanimidade de respostas. Há, por parte dos respondentes, uma atitude crítica que classifica as atividades propostas no material como *pouco* ou *não suficientes*. Como aparece no gráfico, somente uma pessoa respondeu como “suficientes” as atividades propostas no material didático, enquanto o restante dos respondentes assinalou uma defasagem nesse ponto.

O perfil que foi possível traçar da ação e utilidade de tais materiais no curso é de um material que não se mostra suficiente para o desenvolvimento da disciplina, nem sempre possui sugestões de outro material, com poucas propostas de atividades. Além disso, outras questões revelaram que o uso do material didático impresso pré-elaborado não seria feito da mesma forma, se ele não fosse obrigatório. Se fosse de uso alternativo, reservado à decisão do professor de cada disciplina, o mesmo seria utilizado somente “em parte”, pela maioria dos respondentes.

Os resultados dos questionários aplicados ao curso A vieram para confirmar o que já vinha sendo conjecturado para tal modelo: o uso de material impresso pré-elaborado é reconhecido pelos professores como insuficiente ou inadequado aos objetivos das disciplinas. Em reação, como apontam as respostas obtidas nos questionários, eles estão construindo caminhos alternativos, tanto para complementar o material, quanto para desenvolver outras propostas paralelas.

No caso do curso B, destacamos, nos limites deste trabalho, duas questões, por sua relevância. A primeira refere-se ao resultado obtido no questionário dirigido aos professores, na pergunta que se refere ao possível uso de material impresso pré-elaborado pelo curso. Nenhum dos professores respondeu que passaria a utilizar somente esse material pré-elaborado. O que ficou entendido é que eles adicionariam esse material como mais um recurso possível aos alunos, não deixando de produzi-los de forma singular, para cada disciplina, de acordo com as necessidades de cada disciplina.

Tabela 4 - Se um material impresso pré-elaborado fosse disponibilizado à disciplina, você:

	Frequência	Percentual
Passaria a utilizar somente o material impresso pré-elaborado	-	-
Adicionaria o material impresso pré-elaborado aos demais materiais utilizados	5	83,3
Não faria uso do material impresso pré-elaborado	1	16,7
Total	6	100%

Levando-se em consideração que não há o fundamento do uso de materiais impressos pré-elaborados, foi de interesse investigar quais materiais eram, então, utilizados pelos professores na construção da disciplina. Para isso, formulamos uma questão que possibilitasse marcar o uso ou não de vários materiais, assim como a intensidade com que os mesmos eram utilizados na disciplina. É possível perceber que não há somente um ou dois tipos de recursos didáticos utilizados na disciplina, mas, de fato, uma adesão dos professores a diferentes possibilidades de materiais e recursos. Artigos científicos e videoaulas foram recursos assinalados por todos os professores, e vídeos/filmes e outros materiais da internet pela maioria dos docentes que responderam ao questionário. O livro foi o recurso menos assinalado.

Tabela 5 - Quais os tipos de materiais pedagógicos trabalhados no curso:

	Sim		Não		Não respondeu		Total	
	F	%	F	f	%	f	f	%
Livros	2	33,4	4	2	33,4	4	6	100
Capítulos de livros	4	66,6	1	4	66,6	1	6	100
Artigos	6	100	-	6	100	-	6	100
Videoaulas	6	100	-	6	100	-	6	100
Vídeos/filmes	5	33,4	1	5	33,4	1	6	100
Outros materiais da internet	5	33,4	1	5	33,4	1	6	100

CONCLUSÕES

As principais conclusões a que foi possível chegar, no decorrer das investigações acima rapidamente pontuadas, confirmaram, em grande medida, a importância do material didático na formatação das relações pedagógicas, no interior dos cursos a distância. Assim, a maneira como ele é produzido expressa, desde seu início, a concepção de educação a distância dos agentes elaboradores do curso. Isso vale, no caso da UAB, principalmente na instância mais macro das políticas públicas. A concepção dos cursos revelaria, portanto, certo caráter instrucionista e reprodutor da concepção vigente, no nível das decisões da gestão da própria UAB.

Contudo, o modo como o material é *designado* ao curso não corresponde, necessariamente, ao modo como o material é *utilizado* nos cursos. Há tendência à autonomia nos modos de uso, na medida em que o professor e/ou tutores são mais ou menos experientes, tanto com relação à prática pedagógica, quanto ao domínio dos conteúdos. O modo como o material é usado, no interior dos cursos, configuraria e determinaria a relação entre seus principais atores - tutor e professor - e seus alunos. Determina, portanto, a própria organização do curso, a qualidade e frequência das interações pedagógicas, o lugar do aluno, como sujeito passivo ou construtor do seu próprio conhecimento.

Se o perfil do curso já está traçado pela instância governamental, que expõe a preferência no material didático, percebe-se que há um movimento no sentido de tentar contornar essa situação e dar qualidade para o curso, de dentro para fora. Foi possível, portanto, perceber um interessante movimento contraditório dentro das determinações impostas à EaD, que surge das próprias estruturas dadas. Os docentes tendem, de dentro do curso, como agentes internos, a desenvolver implementos de qualidade, optando por uma autoria e autonomia crescentes, que passam a se assemelhar a uma concepção mais artesanal de ensino a distância.

Estas conclusões estão ainda sendo discutidas e exploradas e deverão se tornar objeto de outras produções, haja visto que o tema da pesquisa possui uma abrangência e atualidade que não permitem que os resultados se concluam em apenas dois anos de estudo – tempo de duração da pesquisa aqui condensada. É um campo que vem crescendo exponencialmente, em detrimento de pesquisas científicas da área, que não atingem número e intensidade satisfatórios e demonstram a necessidade de percorrer um longo caminho neste tema.

BETWEEN THE INDUSTRIAL AND THE ARTISANAL: THE PRODUCTION OF TEACHING MATERIALS IN DISTANCE EDUCATION

ABSTRACT

This article aims to understand aspects of the production of teaching materials for distance education courses. Based on the perception that the didactic materials are an important part of most projects on the modality, we looked for the conception of education behind that kind of production. We understand there is a need to analyze and discuss these models, which become part of the Brazilian educational reality, derived from an specific public policy that tend to prevail in contemporary practices of distance education in the country. The investigation aims to address two possibilities of building materials for distance education: the first, advocates an industrial making, with emphasis on knowledge transmission and information, and the second possibility, assuming a craft and more dynamic production, based on the teacher autonomy on the materials presented.

Keywords: Teaching Material. Distance Education. Technicist Educational Trends.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. *Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância*. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 18 de novembro de 2011.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIUSTA, Agneta da Silva. *Educação a distância: contexto histórico e situação atual*. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003.

LITTO, Fredric Michael. O atual cenário internacional da EAD. In: FORMIGA, Manuel Carlos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 09-13.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na transição pós-moderna*. São Paulo: Cortez, 1997.